

Antônio Nunes, vendedor de cachorro quente: "Brasília é o meu sonho há muito tempo"



"diminuindo a fome desse povo que não tem tempo de comer em casa"

— O que ganho por hora está bom. Se desse para pagar mais, é claro que seria melhor. Mas, infelizmente a firma não pode.

Vindo de Uberlândia há apenas três meses, Antônio Francisco Nunes, um dos vendedores de cachorro-quente espalhados pela cidade, casado, sem filhos, diz isso fazendo questão de ressaltar que apesar do salário pretende trazer os outros parentes que "ficaram lá na terra".

Para ele, Brasília é o seu sonho há muito tempo. Disse que até ficou engasgado quando desembarcou na Rodoviária e viu "aquele mundaréu de prédios, gente, concreto, carros, asfalto, confusão e as "coisas muito longe". O que mais o encantou foi a Catedral e uns "prédios perto do Palácio do Presidente da República".

— Por que? Ora, nem sei explicar direito. Mas é tudo tão diferente, moderno, caro...

Antônio Nunes ganha de 500 a 600 cruzeiros por mês e uma das coisas que o deixou mais frustrado foram os preços dos alugueis. "Imagine, gasto grande parte do que ganho só pra morar num barraco no Acampamento da Cotelb. Se num fosse a minha mulher, que é costureira, acho que ia voltar. Mas tenho fé em Deus que vou ficar e ainda trazer todo mundo que ficou lá na roça".

Trabalhando de nove a onze horas "por noite", porque de dia eu tenho que ficar dormindo", Antônio lamenta que

não pode passear aos domingos, já que é o dia que mais pode ganhar dinheiro.

Quando chegou a Brasília, "onde é mais bacana porque é a Capital e tem mais serviços", não sabia direito o que ia enfrentar. Pensava arrumar emprego na construção civil, mas a sorte ajudou e agora estou "com essa carrocinha, diminuindo a fome desse povo que não tem tempo de comer em casa ou não tem dinheiro para comer em casa". Considera-se um homem feliz e satisfeito para progredir.

Antônio reclama "da falta de educação de uns "pieboizinhos que aparecem aqui de madrugada bêbados e com umas roupas quase sem roupa". Para ele, Brasília é uma cidade muito diferente e seu povo "é muito aviado". Gostaria de trabalhar no serviço público, "onde a gente trabalha com as coisas certas e no fim do mês vai dir... para a caixa e apanha o dinheiro contadinho". Mas, como não tem uma profissão qualificada, acha que isso é muito difícil, mas "tem fé que um dia as coisas vão melhorar" e os alugueis serão mais baratos.

Seria bom também aumentar o preço do cachorro-quente, pois "você nem imagina o absurdo que está custando um quilo de salsicha e de cebola. Não quis dizer, mas deixou escapar que o aumento na preço de cachorro-quente iria aumentar no fim do mês o seu dinheiro, pois os empregados das firmas que trabalham com carrocinhas ganham porcentagem.

Brasília é uma cidade consolidada, estabilizada e autônoma e não tem problema de proteção ao crédito

Nelson Pereira de Souza, diretor do Serviço de Proteção ao Crédito, e que está em Brasília desde a sua fundação veio do Rio para a cidade com a instalação do Banco do Brasil, logo nas primeiras semanas da sua fundação. Acompanhou desde então todos os passos que a cidade deu nestes últimos anos e considera Brasília uma cidade já consolidada, estabilizada e autônoma em grande parte dos seus setores.

"Brasília cresceu e desenvolveu-se muito com as levas de funcionários que chegavam para a fixação definitiva dos órgãos governamentais. Tal fato fez com que ela, em sua consolidação como cidade, desse fim à antiga fama de cidade dos aventureiros, pois a começar pelo seu comércio, todas as suas estruturas já estão bem delineadas, estabelecidas e bem dentro do espírito de afirmação da cidade".

"Dez anos é o prazo que nós que lidamos diretamente com os setores de

desenvolvimento comercial e industrial, damos a uma cidade para considerá-la, solidamente firmada em suas bases estruturais econômicas, e no caso, Brasília alcançou nestes dez anos, índices de afirmação bem consideráveis e que fazem com que já possamos considerá-la uma cidade em vias de se equiparar nesse aspecto infra-estrutura a qualquer outra cidade brasileira".

Quanto aos problemas de crédito, o Presidente do SPC foi bastante objetivo em dizer que os índices de movimentação aqui não se distanciam dos registrados no Sul do País. "Basta dizer que o último caso de transgressão às leis do crédito ocorreu há quase dois anos, quando foi desmascarada uma firma-fantasma em Taguatinga".

Necessidades, Nelson Pereira pôs em destaque a precisão de muitas, mas que devem ser consideradas naturais e consequências de uma cidade nova. Mas salienta "o que já está feito e não o que há por fazer".

Para Nelson Pereira, Brasília sofreu nítida transformação em contornos industriais, nestes 14 anos. Paralelamente o aumento da população que atinge atualmente a marca dos 800 mil habitantes também incorporou-se ao processo de industrialização que assumiu aos poucos uma dimensão de grande vulto e que "lógicamente não pode ser sustado sob pena de arrefecer-se o ânimo da própria cidade".

A proximidade do já estabelecido centro industrial de Luziânia foi um dos fatores que contribuiu para que o parque industrial de Brasília começasse a ser esboçado, e após o afluxo das indústrias de construção vir o fato de Brasília ser considerada não mais como cidade meramente administrativa, mas com expectativas industriais de construção, passou a ser encarado com mais seriedade. "Se Brasília tivesse sido construída, por exemplo, no eixo Rio-São Paulo talvez não tivesse sido envol-

vida pela necessidade de um parque industrial, no entanto, a sua colocação no centro de uma região praticamente estéril fez com que naturalmente ocorresse um afluxo espontâneo de indústrias de forma a suprir as necessidades da cidade que surgia e aos poucos começava a sentir a falta de uma fonte próxima de fornecimento de materiais básicos à sua sobrevivência como cidade".

Ao concluir, frisou que naturalmente como decorrência de toda mudança, haveria transformação no panorama da cidade, mas que, entretanto, esse fato não iria provocar perturbações na ambiência da mesma, pois toda cidade é um fluxo ininterrupto que evolui e nunca cessa, e as mudanças fazem parte do fluxo. "As perturbações que possam ocorrer, e que já ocorrem, serão solucionadas no devido tempo. Os efeitos dessas mudanças deverão ser objeto de estudos e adaptações por parte do novo Governo".

Severo Gomes: "aqui não há nenhuma jabuticabeira"

Estando em Brasília há pouco mais de um mês, vindo de São Paulo onde nasceu e se formou em Direito na Universidade de São Paulo (USP), o Ministro Severo Fagundes Gomes, com 49 anos, diz que as virtudes de Brasília estão "na beleza arquitetônica, silêncio, atmosfera limpa e povo afável. "Porém, segundo ele em Brasília tem "muita espatódia e pouco ipê. Muito eucalipto e pouco buriti. Nenhum babaçu e muito pinheirinho e nenhuma jabuticabeira". Pretendendo morar aqui enquanto seu trabalho "for julgado bom e necessário" vai trazer para Brasília sua esposa, D. Maria Henriqueta Marsiaj Gomes e "meus filhos que queiram vir". Tendo cursado também a Faculdade da USP na cadeira de Ciências Sociais de 1944 até 1945, e a Escola Superior de Guerra em 65. Ocupa atualmente além do cargo de Ministro de Estado, vários outros, como Diretor Presidente da Tecelagem Parahyba, Diretor da Araguaia S.A. (Agropecuária, no Estado do Pará), Diretor Superintendente da Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo S.A., entre outros que ao todo são onze. O Ministro prefere trabalhar em Brasília, apesar de que em São Paulo tem mais conforto.



"Muito desquite é um ponto bem positivo"

O índice recorde de desquites conjugais no Distrito Federal e, em contraposição, a acentuada existência de casais que vivem juntos sem nunca ter formalizado o matrimônio, são na opinião da estudante universitária Lenita M. Tuchi, alguns dos aspectos mais positivos do tipo de sociedade que se formou em Brasília.

Apesar de ser casada, Lenita tem o ponto de vista de que o casamento como instituição está em franco declínio e que em Brasília esse processo de desgaste foi catalizado pelo tipo de vida que se leva na Capital.

Isto é possível, segundo ela mesmo, a medida que as pessoas ao virem para Brasília encontram condições para viver em um tipo de sociedade com uma estrutura de valores mais aberta — o que ela vê com bastante simpatia.

Quanto aos casais jovens, que vivem juntos apesar de conservarem o estado civil de solteiros, Lenita tem duas explicações: as pessoas que vêm para Brasília, principalmente jovens, deixaram para trás uma série de tradições e valores inibitórios e, em segundo lugar, encontram uma estrutura de valores mais flexível, o que permite um controle social menos rígido que em lugares mais provincianos.

Lenita, que está cursando o quarto ano de Sociologia na Universidade de Brasília, veio de Goiânia, a cidade onde nasceu e onde viveu até concluir o curso científico. Diz que um único motivo a trouxe a Brasília: a procura de uma boa universidade e de um "campus" onde pudesse encontrar um bom relacionamento comunitário.

O meu objetivo foi cumprido em parte, diz ela. "Encontrei uma Universidade estruturada dentro da Reforma Universitária e com um modelo de "campus" que favorece a integração dos estudantes de diferentes cursos, ao contrário de outros "campus", onde os Departamentos são separados". Entretanto, disse que ultimamente o relacionamento no "campus" esfriou um pouco e que a Universidade foi invadida pelas camadas financeiramente mais altas, ficando assim muito elitizada. Ao comentar isso, aponta para o estacionamento da Universidade, que já não comporta o número de veículos, durante as horas de aulas.

Ante a observação de que a conversa voltou-se mais para a Universidade e que o assunto é Brasília, Lenita diz que Brasília é uma utopia, a medida que foi planejada para um homem que ainda não existe: "um homem que realmente saiba viver em comunidade" e por isso, não atingiu um dos objetivos a que se

propunha. Justificando, ela diz que não houve um estudo sociológico das pessoas tendo em vista as que viriam para cá e que o arquiteto foi muito otimista em seus propósitos.

— O que está faltando em Brasília? A esta pergunta, a entrevistada não dá uma resposta direta, mas diz que Brasília é talvez a cidade brasileira onde o "vazio cultural" atinge mais as pessoas. Na falta de atividades culturais, de lazer — disse — as pessoas que vivem em Brasília são levadas a se interiorizarem mais, a se questionarem mais, o que segundo ela, pode ser um aspecto positivo, mas por outro lado, poderia ser também negativo, a medida que a cidade convida as pessoas para a solidão.

No plano arquitetônico, ela admira Brasília por ser "uma festa em termos estéticos", um verde que não acaba mais, mas que também pode ser um traço negativo à medida que esse verde foi feito mais para as pessoas que têm carro, objeto indispensável aos habitantes da Capital, devido às grandes distâncias.

Finalizando, Lenita, que é de estatura pequena, diz que se sente muito pequena dentro desse monumento que é Brasília, mas que pretende continuar vivendo aqui, mesmo depois de formada em sociologia urbana.

